

"HÁ DOIS REGISTOS NO PODER QUE NÃO COINCIDEM"

ELA diz de si que é uma mulher que perturba... Penso que antes do mais, é uma mulher que agita. Pela vitalidade do seu raciocínio, pela vivacidade com que atira a polémica para cima da mesa, pela energia das suas convicções sobre as quais afirma impetuosamente que estão no caminho certo, é como uma onda difícil — senão mesmo impossível — de travar... pois dá sempre a impressão de ir mais à frente.

E se é indiscutível que é destas pessoas que fazem andar o mundo, é discutível que sobre ela tenha recaído a escolha ideal para o cargo que durante quatro meses a levou em S. Bento, à presidência do Conselho de Ministros.

Com uma rara capacidade de estimular uma imediata adesão ou uma violenta rejeição, imprime um élan e uma marca singulares, ao menor gesto que faz, ou à mais insignificante palavra que profere.

Um furacão na sala

DE REPENTE, é como se entrasse um furacão naquela sala, perturbando a quietude da manhã de Inverno.

Vestida de vermelho escuro, avança para mim de braços estendidos e sorriso aberto:

"Vamo-nos sentar aqui por causa do sol, não quer?"

Sentamo-nos à beira da grande varanda de vidro, semi-aberta para o jardim de relva da casa que neste momento habita em Oeiras. Explica-me que pertence a uns amigos seus que "em boa hora lá emprestaram porque viver ali é mais repousante do que em Lisboa".

Mas logo em seguida, dá uma grande gargalhada e exclama, enérgica:

"Como se eu tivesse tido

alguma vez tempo para gozar desta casa!"

"Vamos lá a ver o que é que dá..."

Enquanto agarro no papel e no lápis, penso para mim se a extrema vitalidade de Lurdes



Pintasilgo não esconderá afinal alguma amargura (ou outro qualquer sentimento parecido), agora que chegou ao fim a sua tarefa governativa.

O seu primeiro ímpeto é

Perante tal personalidade, a jornalista optou positivamente por se apagar, para não colocar nenhuma espécie de dique, (nestas circunstâncias, indesejado) aos temas que no decorrer de quase quatro horas, absorveram o nosso diálogo.

Muita coisa passou por aqui. Quase tudo. Mas para além das coisas, dos factos e dos acontecimentos, das razões e das causas que determinaram este ou aquele comportamento, esta ou aquela das suas atitudes o que ficou entre estas linhas, foi uma tentativa — como todas, com altos e baixos, na sua intensidade e na sua verdade, — de retrato.

Ficou ainda, uma como que despedida (saudável) de um cargo que assumiu de "modo inteiro" embora mais uma vez, que também de forma controversa e senão não, quase poderíamos dizer dia a dia, os mais contraditórios sentimentos...

disparar-me de imediato, quase espantada com a palavra:

"Amargurada? Não, não estou..." Ri. Depois, pensa, e ponderadamente, começa a detalhar os prós e os contras do que ficou para trás:

"Nas experiências sociais e na actividade sociopolítica há sempre um aspecto de risco e para mim, há sempre um aspecto de jogo. Não no sentido da artimanha, mas como os ingleses dizem, "playful". Uma espécie de vamos lá a ver o que é que dá..."

E o que é que deu?

"Bem aí, eu tenho que distinguir vários planos: de, em termos dos objectivos que eu me propunha alcançar — e para falarmos de uma forma muito fria —, que consegui fazer as eleições. Preparar as eleições, essa coisa toda, e fazê-lo num clima de acalmia,

como se costuma dizer! — Isso foi plenamente atingido... e com uma taxa de abstenção mínima, contrariamente a críticas que logo no início

Continua na pág. 2-R



Lurdes Pintasilgo (em retrato quase auto):

“A classe política? Uma quadrilha:

Continuação da pág. 1

foram feitas... E quando as pessoas duvidavam da minha isenção relativamente ao resultado das eleições, acho que ela ficou mais do que provada...”

As pessoas duvidavam da sua isenção?

“Bom... disseram-no publicamente... Mas foi a classe política que o disse e é preciso distingui-la do resto da população...”

A classe política? O que pensa dela?

“Excesso de quadrilha... «Promenade, change your pair»... Un bailado... Mas voltando ao Governo: há um segundo aspecto tão importante como o primeiro: fazer deste pouco tempo de Governo, um tempo em que algumas das necessidades básicas da população mais carecida fossem minimamente satisfeitas...”

E foram-no?

“Algumas... acho que sim... Para mim foi muito importante um conjunto de decisões que aliás levámos muito tempo a tomar, justamente pela responsabilidade que isso implicava para o futuro. Por exemplo: deu-se uma mão às viúvas daquelas pessoas que nunca tinham estado inscritos em nenhum esquema de segurança social. Aumentámos de oitocentos escudos para mil e oitocentos... Você dirá que isso é o que a gente gasta por dia! A pensão mínima estava em dois e setecentos e conseguiu-se passá-la para três e seiscentos.

E pouco? E pouco, mas houve uma subida! E repare que subir parece fácil, é só atirar com números cá para fora... Mas para isso foi necessário trabalhar com quatro ou cinco hipóteses de financiamento o que conduziu a um trabalho esgotante. Além disso... você já reparou na dificuldade de determinar quem são, numa sociedade, os que precisam mais?”

Uma questão de opção política

Acusam-na de ter sido demagógica com essas medidas! De as ter tomado no fim da sua acção governativa, escamoteando as imediatas dificuldades financeiras que advirão da sua aplicação e de assim endossar a batata quente para os senhores que se seguem...

“Bom isso era se se tivesse tratado de decisões irresponsáveis... Mas eu tenho o cenário todo estudado! E de resto há que distinguir entre medidas sociais e económicas. Estávamos a falar das sociais. Sabe que foram postas na mesa pela primeira vez em Setembro e que só saímos com elas em Dezembro? Foram três meses à procura da melhor solução para as cobrir. É o facto é que se consegui que de um encargo que vai ser da ordem dos dezasseis milhões para o próximo ano, só ficasse a pesar no Orçamento Geral do Estado em cerca de cinco milhões! Para cobrir o restante, fizemos

um esquema que aliás eu já tinha feito quando fui titular dos Assuntos Sociais: fez-se de novo um pequenino aumento da contribuição quer dos trabalhadores quer da entidade patronal... O que se passa, é que eu entendi que as minhas prioridades eram estas!”

Houve então uma opção política?

“Claro que sim! Porque repare que se as minhas prioridades tivessem sido as indemnizações que no total são cerca de 100 milhões de contos, teria endividado o Estado num

defice brutal! ... Ora eu não queria nem ouvir falar disso! Há ainda outra coisa: eu não sabia que Governo vinha, não fazia a menor ideia, tudo se passou de modo totalmente independente de quem viesse a seguir! O mínimo de coisas que fizemos, só o faria um Governo que não tivesse nada a perder ou a ganhar com eleições...! Os dois milhões de atingidos ainda não sabem sequer que o foram, e além disso não têm peso eleitoral!”

Penso que têm...

“Bom... virão a ter mais tarde... primeiro que tudo isto arranque, que se ultrapassem mecanismos...”

Remar contra a maré

Em resumo: são críticas que você repudia, encargos que considera menores...

“São mínimos, Maria João, são mínimos... Porque é que ninguém me fala dos pesados encargos que este Governo

assumiu ao começar as negociações com a Ford? Por exemplo? Sabe que há uma palavra no Evangelho que sempre me fez muita confusão e que é muito dura: «aquele que tiver pouco, ser-lhe-á dado em abundância, àquele que tiver pouco, o pouco que tem lhe será tirado». Esta frase é terrível anh? Porque é uma pura constatação do mecanismo humano... Tem de haver alguém a remar contra a maré...”

Você?

“Sim... acho que sim... Para fazer isto foi necessário remar contra a maré... E isto porque não me sinto nada detentora de uma qualquer verdade nem política, nem técnica...”

É curioso dizer-me isso porque algumas pessoas dizem que você parece o contrário: possuir uma grande “suficiência”, saber as coisas melhor que os outros...

Radiografia

Pausa. Pela primeira vez, vejo-a hesitar. Não gostou do que eu disse.

“Ah sim? Não sabia que diziam isso...”

Parece quase consternada. E talvez mesmo algo irritada:

“Isso é engraçado porque eu hesito sempre imenso antes de tomar uma decisão... Em geral a decisão aparece-me ao nível da intuição...”

É um facto que você parece ser extraordinariamente intuitiva...

“Ah! Mas é uma intuição no momento... Não pense que ela significa de algum modo improvisação ou irreflexão... Ou que eu seja catapultada para ela a partir do zero...”

Insiste nesta explicação. Pressinto que está farta de palavras atiradas sobre si, ao acaso umas, proposadamente outras. Hoje, não quer correr, mais uma vez; este tipo de risco. Por isso se atarda na explicação certa de si, insistindo nas nuances, e na razão de ser de cada gesto ou atitude. Está a fazer uma radiografia de si própria e para si, isto da “intuição” ainda tem que se lhe diga.

“É que esta minha intuição é fruto de uma grande reflexão, corresponde a um grande trabalho de pensamento, teoria, estudo, investigação. Praticamente de tudo aquilo que constitui a minha base de trabalho nestes últimos dez anos...”

Sinto-me à beira dos seus temas favoritos: a Nova Ordem Internacional, os projectos alternativos para uma sociedade melhor, a procura de um outro futuro...

Antes de entrarmos nesse capítulo gostaria ainda de insistir em algumas facetas da Primeiro-Ministro: falou há pouco das medidas sociais tomadas pelo seu Governo e eu falei-lhe das críticas que elas suscitaram. Passemos agora às medidas mais técnicas, isto é, de carácter especificamente económico, e que terão sido

alvo de ainda mais polémica.

“As medidas técnico-económicas tomadas — nomeadamente a redução da taxa de juro, o alargamento de crédito bancário, o apoio ao crédito para a habitação e agricultura, a redução da taxa de desvalorização do escudo, a abolição do tecto salarial e ainda as medidas sociais — são o enquadramento básico da orientação da política económica que este Governo adoptou. Essas medidas tiveram como objectivo principal o relançamento da economia e simultaneamente a redução do desemprego, a redução da deterioração do poder de compra das pessoas que vivem dos seus salários, pensões, etc. Mas também e ainda, o aumento de bens e serviços de necessidade básica (saúde, habitação social, segurança social, pensões, etc.). Houve também a preocupação de combater a inflação e daí o terem-se tomado medidas para diminuir a escalada dos custos, como a redução da taxa de juro e da desvalorização do escudo, esta última afectando os preços das importações de alimentos, matérias primas, energia, máquinas e equipamentos.

Simultaneamente, orientou-se o investimento para a agricultura e a habitação através de juros bonificados e transferências de capital. Estes sectores têm efeito positivo no emprego, além de fomentarem outras indústrias com eles relacionados através

"Promenade, change your pair"...

de relações interindustriais tais como: construção civil, metalomecânica, adubos, agro-indústrias, etc."

E o tecto salarial? Decisão tão contestada...

"Ao abolir o tecto salarial e ao aumentar as pensões, pretendeu-se fomentar o poder de compra da população e assim dinamizar a produção orientada para o mercado interno, produção que tem sido bastante afectada pela baixa da actividade económica em Portugal.

No que se refere ao défice da conta com o exterior a redução da taxa de desvalorização do escudo vai diminuir substancialmente os encargos financeiros que temos que pagar com os empréstimos que contrainos no estrangeiro".

Nunca salvaguardarei direito de veto

Voltemos a "suficiência" sobre a qual me parece que você quer voltar a falar... Não gostou...

"Ah! Quero esclarecer isso, sim, sim... Bom, em primeiro lugar, sempre fui apologista de um trabalho de equipa. Basta dizer que, como Primeiro-Ministro fiz uma coisa que raros farão: não salvaguardei o meu direito de veto, subordinando-me sempre às decisões colegiais do CM. Se alguma vez fiquei em minoria? Fiquei sim, senhora... Quantas vezes disse aos colegas: «bom isto passa mas com a minha abstenção»... Depois, para além do gosto pelas equipas, sou uma pessoa que vivo não tanto a perseguir uma ideia minha, mas actuando em resposta àquilo que é a situação que me podeia. Os meus objectivos são a muito longo prazo. Para além das convicções que eu tenho em relação à sociedade, há evidentemente os estímulos da circunstância que me determinam e quanto mais complexa é essa circunstância mais desejo de lutar eu tenho... As situações anódinas, sem sobressaltos, deixam-me numa certa paralesia... a situação complexa, obriga-me a lutar! Aquilo que as pessoas julgam que é suficiência é sobretudo o entusiasmo de lutar e de provar que a tese está certa!"

Por vezes, imagino-a a saltar sem pára-queidas...

"Não, não... Eu não me aventuraria, por exemplo, a pôr as necessidades básicas como grande objectivo à frente do crescimento económico — embora, claro, as duas coisas estejam ligadas — se não

estivesse consciente de que, neste momento, no mundo, é essa a evolução do pensamento em matéria socioeconómica. E é curioso que estando eu a tentar isso, a revista do Banco Mundial, saiu com um artigo, na sua edição de Setembro, cuja tese fundamental é «Do crescimento económico à satisfação das necessidades básicas.»

Isso acentua a minha ideia de que você foi para S. Bento não como fazendo um intervalo nessas suas teorias e ideias, ou pondo-se entre-parêntesis por um tempo mas, pelo contrário, penso que a sua acção governativa se pautou por essas mesmas ideias... Você tentou passar da teoria à prática, continuando na acção governativa o caminho que vinha trilhando já... Começa a mexer-se, a ficar irrequieta, os olhos acendem-se:

"É isso mesmo... Mas olhe que é curioso, as pessoas parecem não se ter apercebido muito disso... Bom... Seja como for, a minha acção governativa também não foi a fantasia de uma pessoa isolada que chegou aqui e funcionou como se Portugal fosse um laboratório e a sociedade portuguesa uma cobaia! A corrente em que me insiro é mundial, tem gente de todos os quadrantes políticos, e diz que "ISSO" tem de se continuar a seguir dentro de cada sociedade! Olhe, a tal suficiência é por vezes o entusiasmo com que defendo ideias que sei que são as certas..."

Sentimentos contraditórios

Estou a falar com uma mulher que tem pena de sair, pena de não ter finalizado as tarefas que ficaram para trás? Que lamenta não ter tido tempo para vincar mais esse tipo de acção no Governo? Pausa. Inclina-se para trás na cadeira, mede as palavras:

"Essa pergunta no fundo provoca-me sentimentos tão contraditórios... Em certo sentido, não. Eu vinha com prazo, e para fazer o que fiz... No entanto, há de facto mais qualquer coisa... Foi a tentativa de governar não só a partir daquilo que se chama as decisões do Executivo — decretos-lei, despachos, portarias —, mas fazê-lo no contacto com as pessoas... e com as suas necessidades reais. Porque um despacho atende a uma situação global e até que ele se transforme num benefício, para si, Maria João,

concreta, pode mediar um ano ou mais... Eu quis vencer esse círculo protector do direito romano, napoleónico, e tentar ir ao encontro de uma forma muito mais anglo-saxónica, se quiser em termos de direito. Uma governação que não se considerando a cúpula de outros graus de governação, vai ter com governados e cidadãos!"

Por isso, as tais visitas, os contactos...

"Sim, porque nas oito que fiz, reparei que os objectivos que eu tinha não eram afinal tão diferentes dos daquelas pessoas..."

Mas na prática, em que coisas se traduziram afinal essas visitas? Aqui, há como que uma explosão. Abre os braços, e exclama, radiante:

"Em coisas fantásticas, fantásticas! Eu conto-lhe: a seguir a cada visita ficou sempre uma pessoa — aquilo que chamei de equipa de intervenção social — ligada ao meu gabinete, só com a preocupação e a tarefa concreta de seguir e resolver os pontos passíveis de serem resolvidos: desde a construção de uma pequena barragem em Viseu para obviar a que falte água em Nelas, Tondela e Viseu, até à colocação de telhados num bairro habitacional em Peniche e que só estava preso por isso, para as pessoas o poderem ocupar... Poderia citar-lhe mil exemplos... mas o ponto é este: as coisas emperradas entre dois Ministérios, por exemplo, ou as que estavam presas apenas por dois safanões que era preciso dar, isso foi conseguido! Mas o mais importante é que nada disto se traduzirá em mais encargos para o novo Governo! Fez-se o que se pôde, e sei que muita coisa não foi possível mas onde quero chegar é que se eu não tivesse saído nem isso se teria feito!"

Outra forma de governação

Você defende portanto que se pode governar assim, praticando várias acções pontuais, desenquadradas de um plano global...

"Percebo muito bem essa sua pergunta... Percebo... Digamos que não é a "maneira", mas uma das maneiras... Você já pensou no imediato efeito catalizador, multiplicador, que advém de uma coisa destas?"





Minorar dependência do estrangeiro

Saldo positivo, então?

"Bom, em quatro meses eu não esperava tanto... Isto é tocar em tanta coisa, e ensaiar com resultados positivos esta tal outra forma de governação..."

E insatisfações... Há? Não há?

"Há, há... Procedendo a uma autocritica, devo dizer que ao tomar esta opção pelo contacto directo com as pessoas, dei necessariamente menos tempo ao trabalho em conjunto com cada um dos ministros, aos quais deveria ter dado muito mais apoio! Também sinto a insatisfação por não ter levado até ao fim aquela procura de propostas de alternativas do crescimento económico que fossem verdadeiramente nacionais e que não nos coloquem na dependência do estrangeiro..."

Isso é possível? Isto é, você

acredita firmemente nisso?

"Sabe, eu fiquei muito bem impressionada com os nossos industriais, principalmente com todos os sectores — têxtil, metalomecânico, que eu não conhecia bem e que fiquei a conhecer! Têm de facto muita iniciativa, muito conhecimento dos mercados internacionais, grande capacidade de investimento... Não duvido um segundo de que são capazes, muito mesmo, de ajudar a resolver os nossos problemas..."

Você deve saber que há determinado número de leis no mundo do trabalho que não se compadecem por aí além, com esses sectores. Que contrariam a iniciativa privada, o investimento, etc., as molas que os fazem funcionar!

"Certo, certo, certo... E note que não sou eu que digo que todas essas leis nas mãos de pessoas (ou governos) com tendências concentracionárias, estatais, autocráticas (e tanto faz que seja capitalista como socialista), não venham a criar dificuldades aos sectores de que falávamos... Mas voltando ao cerne da questão: acho possível sim senhor, minorar a dependência do estrangeiro! O

que é preciso é começar ao menos, a estar atento a isso!"

O divã da psicanálise

Há uma característica sua que eu gostaria de discutir consigo, porque ela foi para mim imediatamente perceptível, mesmo antes de você ser Primeiro-Ministro: a sua capacidade de fazer brotar espontaneamente nas pessoas uma imediata adesão a si, ao seu modo de ser (particularíssimo!) ou, pelo contrário, fazer nascer uma rejeição pelo menos tão forte como a tal adesão...

Ouçõ uma enorme gargalhada...

"Isso quase me põe no divã da psicanálise..."

Depois olha para mim, mais séria e desabafo:

"É que é tal e qual isso! É uma experiência que eu tenho ao longo da vida... Sabe uma coisa? Quando era novita, um amigo meu dizia-me: «veja-a sempre a agarrar na vida como quem morde uma maçã»... Bom, esta atitude é de confiança, de vitalidade, de, de...

eu ia a dizer de alegria... mas..."

Hesita:

"Mas eu acho que isso perturba...". Sorri:

"Este será talvez o primeiro ponto. Depois, tenho também a consciência de que me afirmo claramente no que sou e naquilo em que acredito e assim, estou a obrigar o outro a definir-se. E estou a julgá-lo sem querer julgá-lo... Olhe, pronto, o melhor é eu contar uma coisa! Mas o pior é que não sei como é que você depois arruma todos estes discursos..."

Eu também não sei, não faz mal, diga lá...

"Bom, mais uma confissão: não é a primeira vez nem a segunda — são centenas... — em que estou numa reunião e que tento apagar-me, mas quem fala, em vez de falar para quem está a liderar a reunião, fala para mim! Percebe isto? Uma vez, numa reunião internacional, de imensa responsabilidade, senti isso de tal forma que resolvi baixar os olhos, pôr-me a fazer riscos no papel... Até que no intervalo, um africano veio ter comigo e disse-me: «o que é que lhe deu?"

"Costumam dizer que morde a vida como uma maçã"

5.

A discussão perdeu todo o interesse... Você não estava presente!..."

Indeed very candid

Ri... E começa a falar-me das "vezes que a acusam de ingenuidade política". Críticas que segundo diz "não a perturbaram grandemente":

"Sabe que os americanos costumavam dizer-me: «you are indeed very candid»... mas eles mesmos, depois de discutirmos, acrescentavam que o «very candid» é o que é preciso na política neste momento... É o que aparece e diz que o rei vai nu... É indispensável que alguém diga isso..."

Você diz?

"Digo, por isso me chamam ingénua política..."

Não é só por isso... É por você pensar que resolve o mundo com idas às zonas dos incêndios ou das cheias... em acções desenquadradas de tudo o resto... como a gente falava há pouco...

Ri e invectiva-me:

"Mas ouça lá: quem me julga assim, era preciso que pensasse que eu tinha aceite um cargo destes sem ter, em primeiro lugar, um mínimo de organização — que diabo, fui quadro da maior empresa deste país — e depois que eu não tivesse para mim uma certa teoria política... Porque essas tais visitas foram inseridas no tal quadro de direito de que falei, não aconteceram desgarradas! O que houve foi uma alternância do macro com o micro, que se traduziu por uma outra forma de ver e fazer a política: nem a opção populista de apenas ver o micro, nem a salvaguarda apenas do macro e tudo remeter para o facto de haver leis e despachos... Você não quer um café...?"

Levanta-se, vai fechar um pouco a cortina, serve os cafés, torna a sentar-se:

"Não quer uma fatia de bolo?"

E uma mulher contente consigo própria?

"Ai, não! Nunca! Crede! Deus me acuda! Nunca... Sabe, há aí uma coisa que me criticaram muito... foram as poesias... As pessoas riam e tal... mas se eu me quiser definir, há dois poemas que me vêm logo à ideia, aos quais adiro espontaneamente! Um é o «um pouco mais de sol e eu era brasa... um pouco mais de azul e eu era além»... Sei isto de cor! Quer ver?"

Recita todo o poema de Mário de Sá Carneiro... e no fim diz apenas:

"Isto cala muito fundo... É o que eu sinto... a dor de ser quase, em relação a tudo na vida! Porque nunca Maria João, eu disse: «já estou satisfeita! Nunca, percebe? A outra coisa que me impulsiona e que talvez dê a ideia de suficiência, é um poema de Fernando Pessoa..."

Faz uma pausa, olha para mim, sorri:

"Agora estou decididamente na poesia"...

Num repente:

"Pronto, não faz mal... Este poema ainda vem mais de trás, perde-se na aurora da minha adolescência e tem a ver com a intensidade que faz com que as pessoas gostem de mim ou me detestem... Quer ouvir? É pequenino...: «para ser grande sê inteiro, nada teu exagera ou exclui... sê todo em cada coisa... põe quanto és, no mínimo que fazes..."

Entre dois poemas...

Acaba o poema, fica um pouco perdida, e depois, com o mesmo impeto de sempre, lança-me:

"Pronto, entre estes dois poemas..."

Está você!

"Estou eu... O «nada teu exagera, ou exclui» sou eu, realmente. O «ser toda em cada coisa...» percebe? Mas ao mesmo tempo, com a dor de ser quase... Bom, mas a gente assim, perde-se! O que eu queria dizer é que ambos estes poemas têm que ver com aquilo que você diz das pessoas me adorarem ou detestarem... Mas sabe o que o facto de quase ninguém ficar indiferente à minha presença, traz-me uma grande responsabilidade. Já agora gostava que isto também ficasse claro..."

Uma conversadeira

Tinham passado quase três horas... "Sou uma conversadeira", tinha-me ela avisado logo no início, com alguma ironia.

Olha para o relógio, mas antes que ela me diga qualquer coisa, explico-lhe que há ainda muito que falar...

"Você não quer almoçar comigo? Vamos conversando à mesa..."

Diante da sopa de agridões, falamos do filme de Manoel de Oliveira, e com uma energia aflita ela diz:

"Se é assim tão bom, tenho que arranjar tempo para ir ver... Sabe, no fundo estou apenas à espera de que saiam os resultados oficiais das eleições no "Diário da República", para poder ir apresentar a minha demissão a Belém. Mas até lá, confesso que não disponho de muito tempo, para o que quer que seja".

A propósito de Belém: falou-se por aí que o Presidente teria previsto consigo a hipótese de em caso de empate eleitoral, você continuar em funções...

"Acho que não..."
Acha?



"Quer um pouco de vinho tinto? Bom... (um pouco ríspida) vou tentar explicar: eu mantive duas espécies de contactos com o senhor Presidente: os formais, cerca de uma vez por semana, e os outros. Por vezes, em conversa foram ventiladas certas hipóteses para o caso do resultado eleitoral ser inconclusivo. Digamos que essa, foi talvez uma delas... entre muitas outras... Por isso eu empreguei um verbo que a espantou e disse «acho que não»..."

Por falar em espanto, houve atitudes suas que o mínimo que se pode dizer é que espantaram as pessoas, ou pelo menos, algumas pessoas: por exemplo, o ter recebido Álvaro Cunhal, no dia dos acontecimentos de Montemor...

Reacção fortíssima... Começa no seu olhar e vai até ao fim das palavras:

"Aí não há de facto que extrapolar, que especular..."

Mas especulou-se... você até sofreu pressões para o não receber...

"Pois tive, pois tive... Mas aí, tratou-se de uma opção política muito clara, da qual falei logo no início do Governo: as pessoas para quem eu estava disponível, eram em primeiro lugar os ministros, os representantes das forças políticas e sociais e, até certo ponto, os representantes dos outros Estados..."

Mas acusam-na de exactamente ter estado apenas disponível ou mais receptiva, se quiser, para determinados sectores, em detrimento de outros...

"Isso não é verdade! Olhe... você há pouco disse-me se eu saía amargurada... eu disse-lhe que não... mas há uma zona de mim, onde há uma grande tristeza... O que acaba de dizer mostra de facto como se falou de mim, como se interpretou os meus gestos... É que quer se se tratasse do dr. Cunhal ou de outro qualquer dirigente político, o dr. Sá Carneiro, naturalmente, o professor Freitas do Amaral, eu sei, eu teria recebido fosse quem fosse... porque isso faz parte da ética da própria função... E digo-lhe: a conversa com o dr. Cunhal não foi exclusivamente sobre o Alentejo..."

Uma sessão histórica

Já agora, continuo a fazer-me eco de todas as críticas que ouvi a seu respeito... por exemplo: o facto de ter pedido ao general Eanes para presidir a um Conselho de Ministros seu, onde ia tomar medidas eventualmente controversas, que assim ficariam "cobertas" pela sua presença...

"Diz a nossa Constituição que o PR pode presidir aos CM's desde que convidado pelo Primeiro-Ministro. De resto, eu própria, quando começaram os Governos Constitucionais, me espantei de que isto não fosse posto em prática. Seria até uma das maneiras de ultrapassar aquela discussão mais ou menos tonta que por aí andou, entre presidencialistas e parlamentaristas..."

E seria uma boa maneira concreta de se poder observar como se comportam, como reagem dois órgãos de soberania... e que conclusão se tira dessa alínea... Bem. Logo ao princípio, disse ao sr. Presidente que teria muito gosto de que isso viesse a acontecer. O que se passou foi que infelizmente, logo os primeiros Conselhos ficaram absorvidos por problemas da gestão corrente, e não me ia ter eu directo convidado para uma sessão desse teor. Assim, ele foi convidado para uma outra onde eu sabia de antemão que o Conselho ia tomar medidas significativas... Tudo aconteceu de resto, como em qualquer outro Conselho! Fizemos algumas votações e algumas bem cerradas... discutimos engalfinhados, como se costuma dizer, e fizemo-lo com total naturalidade... Digo mesmo que em termos de correcção de comportamento entre dois órgãos de soberania face um ao outro, eu considero essa sessão absolutamente histórica... Críticas? Quem quiser que as faça... Você não come doce nem fruta... que aflição! Mas toma um café ao menos?"

Os piores momentos

Levantamo-nos da mesa, regressando ao sofá, perto da varanda. O tempo voa, tem de regressar ao seu gabinete de S. Bento.

Mas alguma coisa ficou a pairar no ar... Amargura, disse ela... Pergunto-lhe se afinal de contas, valeu ou não a pena o risco...

"Risco? Não tenho nada a perder... As mulheres não tem nada a perder... estão tão marginalizadas em termos de tomadas de decisão que é difícil estar-se pior..."

Está-me a dizer que sofreu particulares revezes pelo facto de ter sido mulher à frente do Executivo?

"Mas você tem dúvidas?"

Olhe, pegando apenas na semântica dos adjectivos usados a meu respeito — tenho de resto esse estudo feito — chega-se a conclusões notáveis!

Ao princípio, pensava que era tudo um problema político: as acusações de meloantunismo, socialismo africano — o que é isso? Depois apercebi-me de que houve um machismo terrível que veio ao de cima...

A estrutura patriarcal da sociedade emergiu com toda a sua força...

No fundo não se aceita uma postura autónoma da mulher na sociedade...

mas o mais curioso é que nada disto veio do povo, ele via a minha participação com total abertura...

Aconteceu-me de resto em quase todos os sítios por onde passei ouvir dizer:

«afinal ela não é como dizem!»

Como dizem afinal aqueles autores de todas as campanhas orquestradas contra mim, não é?

Quer um exemplo melhor? O problema do aborto!

Quem na verdade pode dizer o que penso sobre isso, se nunca por nunca ser, me pronunciei?...

E já agora, gostava de referir a minha mágoa perante o que ouvi de certos padres no altar, a meu respeito... Sabe que foi nas missas onde passei os piores momentos; onde mais fui magoada?

Porque se por um lado, e pela primeira vez



desde a Revolução, o problema religioso originou um debate entre catolicismo e política... por outro..."

Aí, não estou de acordo... Penso que o seu catolicismo foi explorado e mal, por ambos os lados, compreende?... Cada um, puxou a brasa à sua sardinha, passe a expressão...

"Sim, isso aconteceu em certa medida... Mas houve um debate, também é um facto... Como eu ia a dizer e, por outro lado, senti grande mágoa perante certas atitudes da Igreja a meu respeito... E também o modo como certos padres intervieram durante a campanha eleitoral não pode ter o meu acordo... Houve certo tipo de linguagem, de intervenção que nada tem a ver por exemplo com a teologia contemporânea..."

E agora? Férias? Cinema? Leitura? Ou... mais trabalho?

"Sabe? Eu não sou uma grande consumidora de meios culturais... A cultura para mim, vem reforçar o pensamento, ajudar-me a ter uma visão certa do mundo... Por exemplo, vejo cinco ou seis filmes por ano, apenas, e chega-me! Este ano vi dois, maravilhosos: "A Sonata de Outono" e os "Interiores"... Ah! Já me esquecia, vi um filme colossal, colossal, "Percival de Gallois", do Rhomer."

E, de repente, parte, desaparece para a história do fim...

Fundação Cuidar o Futuro

Volto para onde estava

E agora? Pergunto, após aquela descrição...

Ri: "Agora? Vou-me embora... Bom, é um modo de dizer, volto para o sítio onde estava... Férias? Para começar, vou ditar para o gravador tudo o que está cá dentro..."

Um livro?

"Logo se vê. Agora estou interessada em continuar a trabalhar com uma série de gente ligada a sectores económicos relacionados com os problemas da Nova Ordem Internacional, com aspectos da evolução social, alternativas futuras, etc.. Trata-se de um grupo de pensadores, de teóricos, gente com literatura cá fora, grupos de reflexão..."

Neste momento estamos a reflectir sobre a influência das forças espirituais no processo de desenvolvimento..."

Para si, essa é, de facto, a única saída, melhor, a única porta por onde você entra?

"Mas é que não há outra!!!

Estou tão convicta de que assim é... Não nos resta mais nada senão repensarmos as

relações uns com os outros, procurar uma nova fórmula de viver em sociedade..."

É por isso que você parece sempre desdenhar os esquemas clássicos de arrumação das coisas, dos blocos?... Por exemplo, a NATO e o Pacto de Varsóvia, o Ocidente e o Leste? Mas por outro lado não são essas estruturas, melhor, essas certezas, que aguentam o precário e instável equilíbrio entre as duas superpotências?

"Não! Se não se mexesse em nada... se tudo continuasse na mesma, a História era imutável, tudo tinha sido igual até hoje... E eu começo a ter a noção clara de que há mexidas neste momento no seio de tudo isso... De outra forma, como é que você justifica o que se passa neste momento quanto à reunificação das duas Alemanhas, facto que começa verdadeiramente agora a dar sinais de si? Ou na China? Ou no interior do bloco comunista com o Sudoeste asiático? Pelo contrário o que quanto a mim pode assegurar esse precário equilíbrio entre a URSS e os Estados Unidos é, em primeiro lugar, o Terceiro Mundo abandonar, ou ultrapassar, o seu radicalismo, a sua violência verbal, e depois a Europa pensar de facto em ter um projecto próprio..."

Gente que pensa de outra maneira

Você está mais à frente? No fundo, a questão é essa?

Sorri... A pergunta não é de fácil resposta, ambas sabemos, isso... E curiosamente, tem (quase pela primeira vez ao longo destas quatro horas), uma resposta extremamente discreta, quase sumida:

"Digamos que estou ligada a gente que pensa de outra maneira..."

Metemo-nos no carro para Lisboa, com um sol, ainda brilhante, que ao longe se confunde com o rio Tejo... São quatro da tarde e para trás ficou muita coisa dita, mas muita coisa por dizer...

À entrada de S. Bento, perto do portão da residência oficial do Primeiro-Ministro, umas dezenas de crianças de uma escola, de bibe encarnado, passam em fila indiana...

Lurdes Pintasilgo abre o vidro, sorri-lhes, quase se lança para fora do carro e desaparece:

"Deste desgosto não lhe falei eu... De nunca ter tido tempo para trazer um dia estes meninos ao jardim desta casa..."

Lembro-me do que ela me disse no carro, já a caminho de Lisboa:

"É curioso que há dois registos de poder que não coincidem..."

